

## LÍNGUAS MARGINAIS, IDENTIDADES FRONTEIRIÇAS E VOZES DIASPÓRICAS DOS IMIGRANTES NA FICÇÃO DE JULIA ALVAREZ

Prof. Mestrando Tito Matias-Ferreira Júnior<sup>1</sup> (IFRN)

### **Resumo:**

Neste trabalho, há o interesse em investigar a maneira em que sujeitos diaspóricos ficcionais da obra *How the García Girls Lost their Accents* negociam o embate entre duas culturas – a caribenha, oriunda da República Dominicana, no Caribe, e a estadunidense, proveniente dos Estados Unidos da América; assim como as implicações de tal negociação na vida do imigrante, uma vez que são questões relevantes na escrita de Julia Alvarez. Para tanto, leva-se também em consideração a questão da língua na construção da identidade imigrante, visto que o bilingüismo é um fator chave na negociação que as irmãs García agenciam entre suas porções caribenha e estadunidense para buscar entender onde se posicionam no mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** *diáspora; ficção; Julia Alvarez.*

Quem é capaz de prever como será o futuro de uma família? Especialmente se tal família imigra para um país com costumes nunca antes vivenciados? Diferentemente das narrativas tradicionais que trazem uma estrutura e uma sociedade bem organizadas, o romance ficcional *How the García Girls Lost their Accents*, da escritora Julia Alvarez, retrata histórias mais próximas à realidade, uma vez que expõe a negociação de uma família caribenha com a sua nova vida nos Estados Unidos. Neste artigo, há o interesse em investigar a maneira em que sujeitos diaspóricos ficcionais negociam o embate entre duas culturas – a caribenha, oriunda da República Dominicana, no Caribe, e a estadunidense, proveniente dos Estados Unidos da América; assim como as implicações de tal negociação na vida do imigrante, uma vez que são questões relevantes na escrita de Julia Alvarez.

O romance de Alvarez espelha “a dor daqueles que se encontram divididos entre terras natais e línguas maternas<sup>1</sup>” (IYER, 1993, p. 46), um dos aspectos mais proeminentes da condição do imigrante. Com isso, o principal objetivo deste artigo é discutir a representação ficcional de imigrantes caribenhos no romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez. Através da análise desse romance, a discussão acontece principalmente baseada no impacto da imigração nas personagens feminina e na maneira como estas lidam com suas identidades hifenizadas nos EUA. Para tanto, leva-se também em consideração a questão da língua na construção da identidade imigrante para buscar entender onde as irmãs García se posicionam no mundo pós-moderno, visto que o bilingüismo é um fator chave na negociação que agenciam entre suas porções caribenha e estadunidense.

Julia Alvarez expõe, numa dupla perspectiva, o mundo que os imigrantes supostamente adquirem em razão da imigração: o que significa pertencer e estar de fora ao tentar construir um novo mundo junto àquele que advém de seu coração (RUSHDIE, 1991). Alvarez debate sobre a questão dos imigrantes serem considerados “insignificantes<sup>2</sup>” (IYER, 1993, p. 46) por meio de diferentes caminhos: o romance retrata diversos episódios ocorridos antes e após o exílio da família García, que deixara a República Dominicana devido à ditadura de Trujillo. Como resultado deste exílio, ela descreve a constata busca pela identidade das personagens, já que a família García mora

<sup>1</sup> “the plight of those who are torn between mother-lands and mother-tongues.” (IYER, 1993, p. 46).

<sup>2</sup> “not quite” (IYER, 1993, p. 46).

nos Estados Unidos, mas viajam regularmente para a República Dominicana; o lugar de suas raízes. De acordo com Suárez (2004, p. 117), “a escrita de Julia Alvarez expõe a dor de sua identidade, presa entre a assimilação na cultura hegemônica dos EUA e a contestação de tais mecanismos de assimilação da cultura hegemônica<sup>3</sup>”. Assim, nesses episódios, em parte paradigmáticos do processo de imigração de outros grupos, as expectativas dos imigrantes em relação aos Estados Unidos tanto destroem quanto reforçam os estereótipos existentes na percepção estadunidense e caribenha da família García.

O romance de Julia Alvarez descreve a vida de quatro meninas: Carla, Sandra, Yolanda e Sofía García, que foram forçadas a imigrar para os EUA por causa do exílio de seu pai, Carlos García. O Sr. García participou de uma conspiração para derrubar a ditadura de Rafael Trujillo, um dos períodos mais corruptos e opressores da República Dominicana. Devido ao exílio, as irmãs García adquirem uma nova percepção sobre sua condição diaspórica. Avtar Brah (1996, p.181) afirma que “a palavra [diáspora] incorpora uma noção de um centro, um *locus*, uma ‘casa’ de onde a dispersão ocorre. Evoca imagens de jornadas múltiplas<sup>4</sup>”. As personagens de *How the García Girls Lost their Accents* também experimentam jornadas múltiplas, uma vez que começam a vivenciar uma nova existência nos EUA, algumas na infância e outras na adolescência. Com isso, elas passam a negociar entre sua porção caribenha e sua porção estadunidense, buscando por suas identidades. Por toda a obra elas passam por situações que um imigrante possivelmente pode experimentar nessa nova localidade: a aquisição da língua local – o inglês –; o contato com os americanos e a sociedade americana; a manutenção de suas tradições de origem, apesar da tendência à assimilação da cultura estadunidense e o conseqüente processo de se tornarem bilíngües; assim como o enfrentamento com o passado que parece assombrar a família García.

A experiência da família García é indubitavelmente paradigmática para o processo de imigração de outros grupos. A condição do imigrante, retratada em *How the García Girls Lost their Accents*, tem sido bastante discutida por escritores contemporâneos, tais como Salman Rushdie, Michael Ondaatje, Bharati Mukherjee, Marjorie Agosin, entre outros, dado que uma preocupação relevante da escrita de imigrantes é o indivíduo considerado como “outro” no contexto hegemônico social. Para Sonia Torres (2003), o mundo tem vivido um momento de reorganização de fronteiras nacionais devido ao impacto da globalização. Conseqüentemente, a noção de identidade também tem mudado: no século XIX, os latino-americanos queriam se livrar dos parâmetros europeus; já no século XX, a identidade latino-americana tem sido marcada pelo impacto do neocolonialismo estadunidense em seus países.

Em sua obra, Julia Alvarez possibilita a análise das conseqüências do discurso neocolonialista estadunidense, que na maioria das vezes silencia a voz dos imigrantes. Alvarez é uma escritora que problematiza a situação do imigrante nos EUA, visto que ela escreve sobre imigrantes que foram forçados a abandonar seu país de origem para morar na América do Norte, devido à intervenção da sociedade estadunidense na sua terra natal (FLORES; YÚDICE, 1992). Assim, Alvarez fornece uma análise crítica sobre os movimentos diaspóricos no mundo atual e as conseqüências de tais deslocamentos no *locus* de enunciação do sujeito diaspórico (ALVAREZ, 1998). Assim como os membros da família García, em 1960, então com 10 anos de idade, a família Alvarez chegou aos Estados Unidos depois que sua família deixou a República Dominicana devido à ditadura militar que assolava seu país. Assim, como a família de Julia Alvarez, as personagens fictícias de sua obra vivenciam a mesma experiência de imigração. Com isso, a partir do momento que Alvarez descreve as relações de tal uma família ficcional, ela enfatiza a maneira que tais relações sofrem mudanças devido à imigração. As relações entre as personagens dessa são exercitadas pelo intermédio de fronteiras culturais, que permitem movimentos e momentos de

---

<sup>3</sup> “Alvarez’s writing exposes her plight of identity, caught between assimilation in the U.S. mainstream culture and contestation of the very mechanisms of assimilation into the mainstream culture”. (SUÁREZ, 2004, p. 117).

<sup>4</sup> “the word [diaspora] embodies a notion of a centre, a locus, a ‘home, from where the dispersion occurs. It evokes images of multiple journeys”. (BRAH, 1996, p. 181).

transição das irmãs García. Com efeito, a escrita de Alvarez propicia a exposição de tais movimentos ao fazer com que sejam exibidos, já que por diversas razões, a voz imigrante tem sido silenciada. Cada personagem do livro revela atitudes diferentes em relação ao exílio que, durante suas vidas, muda suas percepções do que significa ser dominicana, do que significa ser estadunidense e, finalmente, do que é ser dominicana-estadunidense, ou seja, um sujeito hifenizado.

Em relação às percepções identitárias, Bhabha (1998) sugere que os sujeitos adquirem uma percepção completa de sua condição quando dicotomias como hegemônico/marginalizado, preto/branco, bom/mal são singularizadas. Com isso, uma nova idéia de sociedade é produzida: as fronteiras de singularidades culturais são transgredidas a fim de procurar um presente, um presente que procura o outro; outro espaço, outra língua, outra sociedade. Assim, esta nova sociedade acontece por meio da mediação de diferenças culturais, uma vez que “[e]sses “entre-lugares” fornecem o terreno para elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (BHABHA, 1998, p. 20). Dessa forma, o deslocamento das fronteiras culturais propicia o surgimento de novas identidades e, conseqüentemente, a não manutenção de uma identidade fixa sobreposta à outra (o negro em oposição ao branco, por exemplo). Portanto, a noção de uma essência da identidade é posta de lado e a idéia de identificação emerge. E, a descrição de uma família ficcional em seu romance possibilita a Julia Alvarez se tornar uma escritora consciente, uma vez que ela decide não se silenciar e se encapsular em dicotomias identitárias pré-estabelecidas por meio do retrato ficcional da condição de imigrantes caribenhos nos EUA e de suas diferenças culturais nas histórias narradas em *How the García Girls Lost their Accents*. Isso possibilita também a identificação de outros grupos de imigrantes que possam se encontrar na mesma situação vivenciada pelos personagens do romance de Alvarez, já que imigrantes árabes, asiáticos, latino-americanos e outros, tanto nos EUA ou outras localidades, possivelmente podem vir a vivenciar o que ocorre com a família García. Dessa forma, parece um pouco demasiado manter a noção de identidades fixas dentro de um território com um grande número de grupos migratórios, pois o imigrante, ou seja, o sujeito diaspórico, passa a ter diversas identidades e/ou uma identidade fragmentada.

A fragmentação da identidade do imigrante aparece também na técnica narrativa do romance *How the García Girls Lost their Accents*. Para retratar a forma que a memória do imigrante pode ser afetada por força da imigração, a narrativa se desenvolve em uma ordem cronológica invertida: a parte 1 começa em 1989, quando as irmãs García já estão adultas e integradas na vida estadunidense; a parte 2 mostra a transição da infância das meninas para a adolescência nos EUA. Finalmente, a parte 3 descreve a vida da família García na República Dominicana antes do exílio, quando as García estão no início de sua infância. Esta técnica exige uma atenção redobrada do leitor: as irmãs García precisam se lembrar de seu passado, da mesma forma que os imigrantes fazem para tentar compreender em que lado do hífen eles se encontram (SUÁREZ, 2004, p. 121); o leitor, por outro lado, precisa se lembrar do tempo presente das irmãs, já que o romance se move em direção ao passado a cada capítulo. A narrativa enfatiza a memória e apresenta episódios lembrados por cada uma das meninas, episódios esses vividos nos Estados Unidos e/ou na República Dominicana. Por conseqüência, o ato de lembrar se torna uma ferramenta importante na escrita de Julia Alvarez, uma vez que rememorar permite que as irmãs García reflitam sobre sua realidade em solo estrangeiro. O passado parece assombrar a família e revivê-lo provoca uma sensação desconfortável, pois eles parecem ser assombrados pelo o que fizeram no passado e pelo que conseguem se lembrar. Quando estão nos EUA, as irmãs são constantemente lembradas de seu lugar de origem, o Caribe, e sempre se recordam que sua babá, Chuça, parecia prever o que viria a acontecer com elas:

“You are going to a strange land.” Something like that, I mean, I don’t remember the exact words. But I do remember the piercing look she gave me as if she were actually going inside my head. “When I was a girl, I left my country too and never went back. Never saw

my father or mother or sisters or brothers.” [...] (Alvarez, 1992, p. 221).

“Vocês vão para uma terra estranha”. Algo assim, quero dizer, eu não me lembro das palavras exatas. Mas eu me lembro do olhar cortante que ela me deu como se estivesse realmente dentro de minha cabeça. “Quando eu era uma garota, eu deixei meu país também e nunca mais voltei. Nunca vi meu pai ou mãe ou irmãs ou irmãos novamente.” [...] (Alvarez, 1992, p. 221, tradução nossa).

Dessa forma, relembrar e refletir sobre o seu passado e sobre sua condição presente evidencia o medo das irmãs García ao se instalarem em terras forasteiras devido à imigração, já que ao deixar sua terra natal com seus pais para migrar para os EUA, as García viajaram sem saber se seriam capazes de rever seus parentes caribenhos outra vez.

Deixar a sua terra natal e se instalar em terras forasteiras como consequência do movimento de imigração não acarreta somente a ansiedade de não se ter a chance de ver os parentes novamente, mas também provoca muitas transformações na vida de um indivíduo, pois tal sujeito pode começar a perceber o mundo com outros olhos e, na situação das irmãs García, percebê-lo com uma perspectiva estadunidense. Isso acontece devido ao fato de as Garcías se identificarem com o discurso do local que habitam: os Estados Unidos da América. Segundo Hall (2003, p. 248), a cultura popular, aquela pertencente a uma minoria, está fortemente ligada à “tradição”. Contraditoriamente, mudanças que concernem à tradição dessa minoria parece acontecer para dar prioridade ao discurso da cultura hegemônica, o centro, já que algumas práticas culturais são aparentemente excluídas do centro e absorvidas pela cultura popular e, com isso, passam a ser ativamente marginalizadas. Da mesma maneira, “[d]e um jeito ou de outro, o “povo” é freqüentemente o objeto da “reforma”: geralmente para o seu próprio bem, é lógico – “e na melhor das intenções” (HALL, 2003, p. 248). Com isso, as irmãs García são aquelas que parecem ter que constantemente modificar a forma de agir e pensar perante a uma sociedade, já que o processo de adaptação pode ser o passo necessário em sua procura de identificação com a cultura hegemônica estadunidense. Ademais, Bhabha parece concordar com Stuart Hall ao reforçar que a tradição se torna uma forma parcial de identificação equivocada quando diz que “a representação da diferença não deve ser lida como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos* inscritos na lápide fixa da tradição” (BHABHA, 1998, p. 20). Assim, o diálogo entre a cultura hegemônica e a cultura marginalizada sob a olhar do escritor imigrante promove a negociação do “outro”, mas desta vez sob a perspectiva do marginalizado, ao levar em consideração a maneira que sujeitos diaspóricos vivem, ou melhor, sobrevivem dentro de uma sociedade hegemônica.

Para sobreviver na sociedade hegemônica estadunidense, nota-se que os imigrantes têm que agenciar a aquisição da língua inglesa para fins de inserção na sociedade estadunidense, mas sem a perda de suas tradições. Dessa maneira, a língua e o lugar em que as irmãs García vivem nos EUA são também importantes no romance. Suas personagens principais vivem em Nova Iorque, uma área dos EUA onde moram imigrantes de todas as partes do mundo. Curiosamente, alguns imigrantes latinos são capazes de manter suas tradições, já que eles transformam essa nova localidade em seus *barrios*, um local que é bem parecido com o que eles costumavam viver e onde eles têm a possibilidade de praticar seus costumes. E, diferentemente do que é promovido pela cultura hegemônica, alguns grupos étnico-minoritários preferem manter as suas línguas e culturas étnicas para terem a chance de se identificar com um grupo social, cultural e étnico específico, no caso da obra de Alvarez, o de Latinos ou indivíduos provenientes do caribe hispânico (WEI, 2000). Deste modo, Laura García, a mãe das meninas, matriculou as filhas em uma escola católica para facilitar a adaptação delas nos EUA, pois acreditava que não haveria muitas mudanças se as filhas continuassem a ser educadas nos padrões dominicanos, aos quais já estavam acostumadas.

A inserção de costumes étnico-minoritários junto à cultura hegemônica aparentemente se torna possível por meio de um diálogo entre o grupo de poder hegemônico e as minorias. A cultura popular estaria fortemente relacionada a tudo que corresponde ao que é feito por diferentes grupos minoritários dentro de uma sociedade, sua forma de se relacionar com a hegemonia e as

especificidades de seus costumes, nada realmente relacionado à elite (HALL, 2003). Apesar de se encontrar em maior número dentro do território estadunidense em relação aos outros grupos minoritários e, por consequência, possuir maior número de vozes marginalizadas, os sujeitos de origem hispânica parecem não possuir um forte poder de articulação e negociação junto à sociedade hegemônica. Com isso, mesmo com um número considerável de indivíduos dentro dos EUA, continuam sendo tratados como minoria e sua cultura popular permanece sendo subjugada pelos estadunidenses.

Aliás, o poder na mão da elite institui relações que sustentam a distinção e a diferença entre o que, em qualquer momento, possa ser considerado uma prática cultural de elite ou não, já que as “tradições não se fixam para sempre: certamente não em termos de uma posição universal em relação à uma única classe” (HALL, 2003, p. 260). Então, o papel do escritor imigrante ou de qualquer escritor subjugado pela sociedade hegemônica seria o de se apropriar do discurso hegemônico para poder estabelecer uma ponte entre a suposta negociação corrente entre o centro e a margem. A produção intelectual do marginalizado passa a ter um cunho provocativo, pois discute a posição dos sujeitos silenciados pela cultura hegemônica. Alvarez, em seu papel de escritora imigrante e intelectual diaspórica, também faz uso da língua do lugar geográfico que habita, ou seja, o inglês, para falar sobre a sua condição enquanto “outro” no contexto cultural hegemônico estadunidense e, assim, dar voz ao seu grupo étnico em particular ao escolher a língua inglesa para escrever sobre a vivência das irmãs García em *How the García Girls Lost their Accents*. Sua escrita se torna capaz de apreender assim como assumir todas as responsabilidades de seu passado silenciado, que constantemente parece assombrar o seu presente e, desta maneira, Julia Alvarez propicia um diálogo com seu presente ao estabelecer novos conceitos e, mais importante, falar sobre sua diferença.

A possibilidade de falar sobre a sua diferença em relação à sociedade hegemônica estadunidense parece ocorrer a partir do momento em que a identidade hifenizada as irmãs García é desenvolvida pelo lugar que elas habitam, dado que o cenário geográfico colabora com a assimilação de elementos da cultura estadunidense. Da mesma maneira, a habilidade de falar a língua inglesa por morarem nos EUA também corrobora o desenvolvimento da identidade hifenizada das García, já que elas necessitavam falar inglês para poder ser relacionar com os estadunidenses. Mesmo sendo capazes de manter o uso de sua língua nativa – a língua espanhola –, que contribuiu para que elas preservassem os costumes que trouxeram da República Dominicana, as irmãs García fizeram um grande esforço para conciliar a manutenção de sua primeira língua e, ao mesmo tempo, adquirir a língua inglesa. O espanhol fica cada vez mais difícil de ser compreendido, e o pai delas torna o processo ainda mais complicado pois, além das meninas não entenderem seu espanhol, a proficiência do Sr. García em Inglês é quase nula. Como elas não estão mais na ilha dominicana, precisam aprender a língua local – o inglês – para que assim possam ser aceitas por seus colegas estadunidenses. A partir do momento em que a língua inglesa se torna mais familiar a elas, as meninas também começam a adquirir costumes estadunidenses e, por este motivo, a visão de mundo delas se bifurca: elas têm que lidar com a manutenção de suas tradições caribenhas e a aquisição destes costumes.

A duplicidade cultural das personagens de Julia Alvarez demonstra o caminho supostamente seguido por um imigrante para se encaixar na sociedade estadunidense que, dentre outras questões, tem que escolher entre se tornar bilíngüe ou não. A língua permite que as pessoas definam seus lugares no mundo, uma vez que pode servir como um sinal de pertencimento à uma certa comunidade ou a razão de exclusão da associação àquela comunidade. (KING, 2005). Outros escritores contemporâneos têm discutido sobre a possibilidade de pertencimento ou não à cultura estadunidense a partir do momento em que é que escolher entre falar inglês ou não. Richard Rodriguez (1996) descreve sua infância nos EUA e o problema de crescer como um imigrante em território estadunidense, assim como ter que lidar com o uso de duas línguas: sua língua pública (inglês), que era regularmente usada na escola, e sua língua privada (espanhol), que era falada por seus pais em sua casa. Rodriguez sente que estas duas esferas começam a colidir quando as freiras

da escola em que ele estudava (o lado público) vão à sua casa e ‘invadem’ sua privacidade para solicitar que o Sr. e a Sra. Rodriguez conversem somente em inglês com seus filhos para que assim eles tivessem a chance de se adaptar às escolas e à sociedade estadunidense. A partir do momento em que se torna um adulto, Rodriguez deixa de entender a língua espanhola, que se transforma numa série sussurros que ele escuta quando se lembra de sua infância. Dessa forma, esta foi a opção dada a Richard Rodriguez: esquecer sua língua nativa e aprender a língua norte-americana para fazer parte da sociedade dos EUA.

Por outro lado, Chérrie Moraga (1994) prega uma América que possa lidar com diferenças culturais e que não imponha sua língua e costumes a seus imigrantes; uma América onde qualquer pessoa possa ter a liberdade de escolher que língua falar, o que vestir e como se apresentar. Moraga entende que isso é algo difícil para os latinos, os povos indígenas dos EUA, os afro-americanos e asiáticos alcançarem, já que eles não possuem o padrão físico anglo-americano porque ‘vestem’ sua etnia em seus rostos (MORAGA, 1994, p. 303). Assim, Moraga clama por uma América onde os padrões possam ser minimizados e possa-se ser o que quiser, utilizando a língua que desejar e fazendo escolhas próprias.

Com efeito, a língua é o principal componente da etnicidade, muitas vezes o principal e o mais tangível, uma vez que “(...) a etnicidade é uma questão de identidade: você é o que você fala ser e o que outras pessoas pensam o que você é” (KING, 2005, p. 299). Segundo Richard Rodriguez, o bilingüismo aumenta a segregação entre os povos dentro do território norte-americano (RODRIGUEZ, 1996). Por outro lado, para Juan Flores e George Yúdice, falar não somente o inglês, mas também sua língua nativa corretamente permite que os imigrantes possam lutar contra o preconceito, assim como a pressão da sociedade estadunidense pela legitimação oficial (FLORES & YÚDICE, 1992). Ao mesmo tempo, Chérrie Moraga acredita que tanto a língua inglesa quanto a espanhola podem ser usadas para expressar a condição do imigrante nos EUA em seus textos críticos, pois se os imigrantes puderem usar ambas as línguas e usá-las bem – não somente a língua, mas também sua cultura imigrante – eles poderão se unir e ‘imaginar’ uma nova cultura: uma cultura no âmbito da qual não haja certo ou errado, padronizados ou marginalizados (MORAGA, 1994). King adiciona que

We should never make the mistake of confusing a language with a dictionary and grammar. Both the effect and the affect of language go well beyond words and rules of grammar. Language touches us in the deep places of our being-- in our identity, in our sense of where we belong. One of the most sensitive of these places is our ethnicity. In ethnicity begins the true study of language as a badge of identity (KING, 2005, p. 301).

Nunca deveríamos cometer o erro de confundir uma língua com um dicionário ou uma gramática. Os efeitos e influências de uma língua vão além de palavras e regras gramaticais. A língua nos toca dentro dos lugares mais profundos de nosso ser – em nossa identidade, em nosso senso de onde pertencemos. Um dos lugares mais perceptíveis de tais lugares é a nossa etnicidade. [É] na etnicidade que começa o verdadeiro estudo da língua como símbolo da identidade (KING, 2005, p. 301, tradução nossa).

Dessa maneira, a língua não existe separadamente da etnicidade, já que é de fato uma das partes mais notáveis de uma etnia (KING, 2005). A língua, então, se torna o ponto de mediação mais evidente da consciência imigrante sobre seu pertencimento em um espaço geográfico. Julia Alvarez lida com tal questão logo no primeiro capítulo de *How the García Girls Lost their Accents*, intitulado “Antojos”, no qual apresenta a personagem Yolanda García. Embora a obra de Julia Alvarez apresente a visão das irmãs García em relação ao seu exílio nos Estados Unidos, a percepção da condição imigrante de Yolanda García parece ter uma relevância particular na escrita de Alvarez, apesar de Yolanda narrar somente alguns capítulos de *How the García Girls Lost their Accents*. Além disso, Julia Alvarez publicou uma outra obra intitulada *Yo*, título que pode ser entendido tanto como o apelido de Yolanda, quanto a tradução do pronome ‘I’ do inglês para o espanhol. *Yo* é considerado uma extensão da estória da família García apresentada primeiramente

em *How the García Girls Lost Their Accents*. A autora supostamente busca desenvolver a personagem de Yolanda García por ela ter sofrido intensamente os efeitos da imigração.

Yolanda García narra “Antojos”, um dos episódios mais significantes de *How the García Girls Lost their Accents* por funcionar ambigualmente como o início e o fim da obra. Yolanda tem trinta e nove anos de idade e está de volta à República Dominicana. Ela procura uma resposta para questões centrais como: ‘Em que lugar me encaixo neste mundo?’, ‘Quem sou eu?’; indagações as quais, aparentemente, nenhum imigrante consegue escapar (SUÁREZ, 2004). Yolanda deseja comer goiabas na parte norte da ilha. Curiosamente, as goiabas não são comuns nos Estados Unidos e o desejo de Yolanda de comê-las mostra sua distância em relação a sua porção caribenha. Além disso, como forma de antecipação ao problema que Yolanda possui ao tentar lidar com sua noção de identidade, os estadunidenses nunca conseguiram pronunciar o seu nome corretamente e a chamavam de ‘Joe’; os pais dela também a chamavam tanto de ‘Yo’ quanto ‘Yoyo’: “Yolanda, apelidada de *Yo* em espanhol, confundida com *Joe* em inglês, duplicada e pronunciada como o brinquedo, *Yoyo* – ou, quando forçada a escolher um chaveiro dentre tantos exemplares, *Joey* (...)” (ALVAREZ, 1992, p. 68)<sup>5</sup>. Estas características ecoam a identidade ambígua de Yolanda: quando ela está nos EUA, ela procura por sua porção latina e, quando está na ilha dominicana, Yolanda procura pelos Estados Unidos. Yolanda García vivencia aquilo com que a maioria dos imigrantes possivelmente tem que lidar enquanto sujeitos diaspóricos: a negociação de lugares para poder se encontrar, pois “esta é a dor de ser uma pessoa hifenizada: ela [Yolanda] é ambas, nenhuma, e às vezes uma nos Estados Unidos e outra na República Dominicana. Parece que sua identidade é dupla e relativa (...)” (SUÁREZ, 2004, p. 126)<sup>6</sup>.

A identidade hifenizada de Yolanda García fica evidenciada no final de “Antojos”. Yolanda está perdida na parte norte da ilha dominicana porque seu carro quebrou no meio de uma plantação de goiabas. Anoitecerá logo e ela se assusta ao ver alguns camponeses voltando do trabalho no campo. Dois homens se aproximam de Yolanda e se oferecem para consertar o carro. Eles conversam com ela em espanhol e Yolanda não consegue respondê-los na mesma língua, apesar de ser capaz de entender claramente tudo que eles dizem. Ela tenta falar em espanhol com os camponeses mas, por causa de seu medo, balbucia somente palavras em inglês. Ela então se lembra do que sua amiga lhe disse uma vez: “aquele poeta que ela [Yolanda] conheceu na festa da Lucinda na noite anterior argumentou que, independente do quanto se tenha perdido, no meio de uma profunda emoção, nos revertemos a nossa língua nativa” (ALVAREZ, 1992, p. 13)<sup>7</sup>. Ao contrário do que parece propor o poeta da recordação de Yolanda, por medo dos camponeses, Yolanda García não consegue falar espanhol e passa a se amedrontar com a sua própria realidade: Yolanda não é capaz de ser comunicar por meio de sua suposta língua materna – o espanhol – e, mais importante, se sente como uma estrangeira dentro de sua própria terra (SUÁREZ, 2004).

Da mesma maneira, Salman Rushdie afirma que o esforço lingüístico sofrido pelos imigrantes reflete outros esforços deles na vida real: o esforço em conciliar duas culturas entre eles (RUSHDIE, 1990). E isto é o que acontece com Yolanda quando ela se encontra na plantação de goiabas: ela tem que conciliar sua existência entre os dois mundos a que pertence e, quando se vê em uma situação de perigo, Yolanda prefere falar inglês devido à associação de poder que a língua inglesa tem na República Dominicana. No fim de “Antojos”, a tentativa de Yolanda García de definir sua identidade fracassa. O sentimento de Yolanda de pertencer tanto aos Estados Unidos quanto à República Dominicana ou de não pertencer a nenhum dos dois países enfatiza sua condição como de outros imigrantes de “sujeitos internacionais”<sup>8</sup> (IYER, 1993, p. 46) pois, devido à

<sup>5</sup> “Yolanda, nicknamed Yo in Spanish, misunderstood Joe in English, doubled and pronounced like the toy, Yoyo – or when forced to select from a rack of personalized key chains, Joey”. (ALVAREZ, 1992, p. 68).

<sup>6</sup> “this is the plight of being a hyphenated person: she [Yolanda] is both, none, and sometimes one in the United States and another in the Dominican Republic. It seems that her identity is double and relative (...)”. (SUÁREZ, 2004, p. 126).

<sup>7</sup> “That poet she [Yolanda] met at Lucinda’s party the night before argued that no matter how much of it one lost, in the midst of some profound emotion, one would revert to one’s mother’s tongue” (ALVAREZ, 1992, p. 13).

<sup>8</sup> “international beings” (IYER, 1996, p. 46).

imigração, parece se encontrar entre duas culturas. Dessa forma, um dos dilemas do sujeito diaspórico contemporâneo parece ser ter que decidir entre seus lares múltiplos, uma vez que “(...) esta[s] tradiç[ões] de lar[es] múltiplo[s] estão invariavelmente ligados à identidade (...)”<sup>9</sup> (IYER, 1993, p. 49). Com isso, as irmãs García, além de possuírem uma identidade hifenizada por meio de sua condição diaspórica, adquirem também o status de mulheres traduzidas. Novamente, de acordo com Rushdie, um indivíduo traduzido é aquele nascido entre dois mundos. Os imigrantes também experimentam uma translação, um movimento que os faz perder algo de seu país de origem, mas também adquirir algo de novo desta nova localidade (RUSHDIE, 1990). Igualmente, a faceta mais visível deste processo é a aquisição de uma nova língua, já que “a escolha linguística não é somente um meio efetivo de comunicação, mas também um ato de identidade”<sup>10</sup> (WEI, 2000, p. 17). E esta é, dentre outras características, o que faz com que as García sejam consideradas mulheres hifenizadas, já que sua nova existência nos Estados Unidos as torna Dominicana-Estadunidenses, ao evidenciar o seu estado de viver entre-lugares.

Apesar da característica mais evidente de um sujeito diaspórico ser a sua habilidade de mediar dois mundos por meio da habilidade de falar mais de uma língua, Zentella (2003) assegura que o uso da língua inglesa pelos latinos é monitorado e corrigido pelos estadunidenses que vivem ao seu redor e que o uso da língua espanhola é censurado e somente ‘aceitável’ em lugares considerados ‘étnicos’. Misturar inglês e espanhol é, em geral, repreendido. Tal vigilância em torno dos latinos, assim como em torno dos imigrantes, não proporciona nenhuma melhora na comunicação entre estadunidenses e imigrantes, nem se quer fortalece uma unidade nacional; cria-se, na verdade, uma tensão entre povos (ZENTELLA, 2003). As irmãs García, também, vivenciam a mesma tensão por todo o romance de Julia Alvarez, ao tentar balancear suas porções caribenha e estadunidense. Neste processo, as García negociam entre a pressão de seus colegas de escola nos EUA de ter que entender e falar inglês, assim como a pressão imposta por seus pais de manter suas tradições caribenhas. Assim, a habilidade das irmãs García de falar tanto inglês quanto espanhol fortaleceu seus sentimentos de viver entre dois mundos, que as fez adquirir uma identidade traduzida (RUSHDIE, 1990) que realçou sua ‘mirada estrábica’.

Em um país linguisticamente diverso como os Estados Unidos,

social identification is accomplished through language choice. (...) a speaker reveals and defines his or her social relationships with other people by choosing one or other of the two languages or more languages in his/her repertoire. (...) Language, together with culture, religion and history, becomes a major component of identity”. (WEI, 2000, p. 12).

a identificação social só é alcançada por meio da escolha linguística. (...) um falante revela e define as suas relações sociais com outras pessoas ao escolher uma ou outra das duas ou mais línguas de seu repertório. (...) A língua, junto com a cultura, a religião e a história, se torna o principal componente da identidade”. (WEI, 2000, p. 12, tradução nossa).

Portanto, o romance *How the García Girls Lost their Accents* assume que o “sotaque” das irmãs García, ou melhor, os idiomas que falam são o aspecto fundamental “da negociação entre a assimilação e a contestação, a memória e a auto-invenção, ao expor a necessidade de se abraçar as duas línguas [Inglês e Espanhol] como parte de um todo construtivo da comunidade Latina”<sup>11</sup> (SUÁREZ, 2004, p. 128). Ademais, como Wei propõe,

every time we say something in one language when we might just easily have said it in another, we are reconnecting with people, situation and power configurations from our history of past interactions and imprinting on that history our attitudes towards the people

<sup>9</sup> “(...) this [these] tradition[s] of multiple home[s] are invariably concerned with identity (...)” (IYER, 1993, p. 49).

<sup>10</sup> “language choice is not only an effective means of communication but also an act of identity” (WEI, 2000, p. 17).

<sup>11</sup> “the negotiation between assimilation and contestation, memory and self-invention, exposing the need to embrace the two languages [English and Spanish] as part of a constructive whole for Latino/a communities”. (SUÁREZ, 2004, p. 128).

and the languages concerned. Through language choice, we maintain and change ethnic boundaries and personal relationships, and construct and define 'self' and 'other' within a broader political economy and historical context. (WEI, 2000, p. 15).

toda a vez que nós dizemos algo em uma língua quando poderíamos facilmente tê-lo dito em outra, nós nos reconectamos com pessoas, configurações de situações e poder de nossa história de interações passadas e imprimimos naquela história nossas atitudes a respeito das pessoas e línguas envolvidas. Através da escolha lingüística, nós mantemos e mudamos nossas fronteiras étnicas e relações pessoais, e construímos e definimos o 'eu' e o 'outro' dentro de um contexto histórico, econômico e político mais amplo. (WEI, 2000, p. 15, tradução nossa).

Na mesma proporção, as irmãs García têm que lidar com duas culturas, que fazem com que elas desenvolvam sua identidade hifenizada “com dois códigos de comportamento e duas línguas que as definem e as confrontam<sup>12</sup>” (SUÁREZ, 2004, p. 127). Por isso, os episódios das vidas das irmãs García retratados por Julia Alvarez parecem apresentar o que os imigrantes aparentemente poderão vivenciar em seu novo espaço geográfico ao ter que escolher entre se tornar bilíngue ou não, pois mostra que a habilidade das García de falar tanto o inglês quanto o espanhol salientou sua condição de viver entre dois mundos e, assim, evidenciou o desenvolvimento de suas identidades traduzidas ao apontar sua duplicidade cultural enquanto sujeitos diaspóricos. Além disso, a diáspora que permeia o romance *How the García Girls Lost their Accents*, de Julia Alvarez, apresenta

points of confluence of economic, political, cultural, and psychic processes. It is where multiple subject positions are juxtaposed, contested, proclaimed or disavowed; and where the accepted and the transgressive imperceptibly mingle even while these syncretic forms may be disclaimed in the name of purity and tradition. (BRAH, 1996, p. 208).

pontos de confluência de processos econômicos, políticos, culturais e psíquicos. É onde sujeitos múltiplos são justapostos, contestados, proclamadas e desconsideradas; e onde a imperceptibilidade aceitável e transgressiva se misturam mesmo quando estas formas sincréticas podem ser descartadas em nome de uma pureza ou tradição (BRAH, 1996, p. 208, tradução nossa).

Dessa forma, a condição do sujeito diaspórico retratado na obra de Julia Alvarez mostra que as personagens estão em constante processo de mediação para tentar compreender em que lado do hífen se posicionam, uma vez que sua condição hifenizada se dá a partir da percepção do que elas possam ser dentro e fora de sua terra natal / terras-natais, ou entre-lugares. Nota-se, também, que a condição fronteira da identidade das irmãs García e da própria escritora Julia Alvarez, não acontece somente no espaço diaspórico. O sentimento de viver na fronteira passa a ser aguçado ao mesmo tempo em que elas passam a utilizar o espaço da memória para buscar compreender quem são. O ato de lembrar se torna, então, outro mecanismo que Julia Alvarez e as personagens de *How the García Girls Lost their Accents* agenciam a fim de procurar um lugar de pertencimento.

Finalmente, nesta narrativa de Alvarez, observam-se o deslocamento e o desenraizamento, categorias geopolíticas, dentro do universo literário atual. Trata-se de uma nova diáspora, de mobilidades culturais que surgem a todo momento com movimentos crescentes de imigração na sociedade contemporânea. A literatura de Alvarez dialoga com essas questões, trazendo para o espaço da ficção este espaço físico e geopolítico entre os Estados Unidos e Caribe. Como se pode perceber na análise deste romance, o entre-lugar pretende ser um espaço ao qual o imigrante/personagem tem direito, entretanto, verificamos, também, que a situação das irmãs García expõe a ilusão de que temos direito a todo e qualquer espaço, quando na verdade este espaço – na ficção e na vida – é, muitas vezes, segregante, cerceador e excludente.

---

<sup>12</sup> “with dual codes of behavior and two languages that define and defy them”. (SUÁREZ, 2004, p. 127).

## Referências Bibliográficas

- 1] ALVAREZ, Julia. *How the Garcia girls lost their accents*. New York: Plume, 1992.
- 2] \_\_\_\_\_. *Something to declare*. Chapel Hill: Algonquin Books Chapel Hill, 1998.
- 3] BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- 4] BRAH, Avtar. Diaspora, border and transitional identities. In: \_\_\_\_\_. *Cartographies of Diaspora: contesting identities*. London: Routledge, 1996. p. 178-210.
- 5] FLORES, Juan; YÚDICE, George. Fronteiras Vivas/Buscando América: as línguas da formação latina. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (Org.) *Y Nosotros Latinoamericanas?* Estudo sobre gênero e raça. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992. p. 69-86.
- 6] HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Liv Sovik (Org.). Trad. Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- 7] IYER, Pico. The Empire Writes Back. *Time*, February 8, 1993, p. 46-51.
- 8] KING, Robert. Ethnicity and Language. In: *Encyclopedia of Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 299-301, 2005.
- 9] MORAGA, Chérrie. Art in América con Acento. In: FERNANDEZ, Roberta. (Ed.). *In Other Words. Literature by Latinas of the United States*. Houston, TX.: Arte Publico Press, 1994. p 300-306.
- 10] RODRIGUEZ, Richard. Aria: A Memoir of a Bilingual Childhood. In: LESTER, James D. (Ed.). *Diverse Identities. Classic Multicultural Essays*. Lincolnwood, IL: NTC Publishing Group, 1996. p. 40-52.
- 11] RUSHDIE, Salman. Imaginary homelands. In: \_\_\_\_\_. *Imaginary homelands*. London: Granta Books, 1990. p. 9-21.
- 12] SUÁREZ, Lucía M. Julia Alvarez and the anxiety of Latina representation. *Meridians: feminism, race, transnationalism*, v. 5, n. 1, p. 117-145, 2004.
- 13] TORRES, Sonia. US Americans and 'Us' Americans: South Americans perspectives on Comparative American Studies. In: *Comparative American Studies. An American Journal*, v. 1, n. 1, p. 9-17, 2003.
- 14] VALDÉS, Gina. Where you from? *The Broken Line/La Linea Quebrada*. 1. 1. Maio 1986.
- 15] WEI, L. Dimensions of Bilingualism. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). *The Bilingualism Reader*. London: Routledge, 2000. p. 178-210.
- 16] ZENTELLA, Ana Celia. "José, can you see?" Latin@ Responses to Racist Discourse. In: SOMMER, Doris (Ed.). *Bilingual Games. Some Literary Investigations*. New York, N.Y.: Palgrave Macmillan, 2003. p. 51-66.

---

### iAutor

**Prof. Mestrando Tito MATIAS-FERREIRA Júnior**

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN)

Professor Efetivo do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico

[tito.matias@ifrn.edu.br](mailto:tito.matias@ifrn.edu.br)